





# EUCREIO

*Síntese  
doutrinária  
da nossa fé*



# EUCREIO

*Síntese doutrinária da nossa fé*

FERNANDO MARTINEZ

**VOLUME 1**

MAIO 2009





**TÍTULO** Eu Creio, Síntese doutrinária da nossa fé

**AUTOR** Fernando Martinez

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

**MAIO DE 2008**

**Letras d'Ouro, editores**

(Proprietário: Pedro Martins)

Rua Quinta da Flamândia, N°3 – 3ºDtº

Casal do Marco

2840-030 Aldeia de Paio Pires

Telefone: 210 878 323

livros@letrasdouro.com

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

PUBLIDISA, Publicaciones Digitales, SA

1ª EDIÇÃO

**DEPÓSITO LEGAL**

**ISBN** 978-989-8215-03-1

---

**PREPARAÇÃO DO ORIGINAL E EDIÇÃO**

José Manuel Martins

**CAPA E PAGINAÇÃO**

Pedro Martins

**REVISÃO**

José Manuel Martins / Fernando Martinez

## NOTA EDITORIAL

O projecto editorial *Letras d'Ouro* vai-se materializando na publicação regular de obras de autores cristãos evangélicos portugueses, mantendo o patamar de qualidade que se impôs, em busca da excelência. Por isso, é uma enorme honra inscrever o nome do pastor Fernando Martinez no rol dos que assinam as obras já publicadas, e brindar, assim, os leitores com *EU CREIO (síntese doutrinária da nossa fé)*, obra de grande mérito teológico e doutrinário.

A editora não se aventuraria – num cenário social tão pessimista e do qual não se sabe, ainda, como e quando dele se sairá – a investir os seus limitados recursos na edição desta obra se não tivesse a firme convicção de que, por um lado, ela tem o mérito de preencher uma lacuna no universo denominacional em que se move o autor, mas também, seguramente, preenchê-la extramuros; por outro lado, a certeza de que a obra granjeará a aceitação de muitos leitores, em particular daqueles que acompanharam, desde sempre, o percurso ministerial do pastor Fernando Martinez, nomeadamente durante o longo período em que desempenhou a função de Director da revista *Novas de Alegria*, a qual, quando ele nasceu para o Evangelho, no já longínquo ano de 1954, se designava *Novas de Alegria para todo o povo – Órgão de reavivamento e cristianismo bíblico*.

Se não erramos, logo após a sua conversão, que assinala como tendo ocorrido exactamente no dia 21/03/1954, na congregação da

Assembleia de Deus Pentecostal, em Moscavide, o jovem Fernando Martinez, na altura com apenas 19 anos, começou a escrever textos entusiásticos, quase sempre perorativos, dirigidos quer aos incrédulos, inconvertidos ou meramente religiosos, adeptos do cristianismo tradicional, quer aos crentes evangélicos, com relevo para os mais novos na fé e na idade, muitos dos quais foram dados à estampa na dita revista, da qual, como já referimos, viria a ser Director durante cerca de vinte e cinco anos, depois de nela ter desempenhado as funções de redactor principal de Julho de 1971 a Junho de 1977, Director-adjunto de Fevereiro de 1977 a Junho de 1979, Director interino de Julho a Setembro de 1979.

Com efeito, nas Notas do Redactor da «Voz da Juventude», redigidas por João S. Hipólito, consta que, especialmente, C. Martinez da Silva remeteu originais, que não tinham entretanto sido publicados por falta de espaço (cf. *Novas de Alegria*, 148, Abril de 1955, pág. 45). «O incomensurável amor de Deus» terá sido o primeiro texto assinado por Fernando Martinez que mereceu ver a luz do dia nas páginas daquele veículo de divulgação do Evangelho e doutrina pentecostal (cf. *Novas de Alegria*, nº 153, Setembro de 1955, pág. 106). O estilo é o do evangelismo afirmativo da época, saído da pena de quem tinha o coração aquecido pelos benefícios da salvação e prenhe de reconhecimento por Deus ter amado tanto o homem. Daí o incomensurável amor de Deus, como artigo de estreia numa carreira absolutamente ímpar nas letras evangélicas e assembleianas.

Nesse registo, nos tempos da sua juventude, Fernando Martinez interveio amiudadamente para elevar aos píncaros a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo.

Por outro lado, na mesma altura e quando desempenhava funções ministeriais, coadjuvando o pastor da Igreja de Portimão, Manuel Ribeiro Fernandes, em missão evangélica, envolveu-se no

estudo das Escrituras, através do «cruzadismo» (palavras cruzadas), mostrando o seu grande empenho em conhecê-las ao pormenor, mobilizando e incentivando, assim, outros jovens para uma maior intervenção na acção das igrejas implantadas e nascentes. Tais exercícios tinham um substrato espiritual e cultural muito significativo, exigindo dos participantes leituras bíblicas sistemáticas na busca das soluções para as questões colocadas, muitas vezes com subtis pormenores (cf. *Novas de Alegria*, Agosto de 1955).

Parece-nos inequívoco, assim, que o pastor Fernando Martinez, desde 1955, se dedicou com afincado inusitado ao estudo das Escrituras que foi partilhando com os leitores, em Portugal e noutras plagas do mundo, mercê também da publicação dos seus textos no Brasil. Da sua geração não haverá quem mais se tenha notabilizado na divulgação do Evangelho de Cristo e das doutrinas consentâneas com a expressão pentecostal, deixando desse árduo labor um inaudito legado, ainda não completo, às gerações d'hoje e às que, empenhadamente, deitarão mão do arado, munidas do conhecimento bíblico que ele tão bem ministrou, para dar continuidade à Obra de Deus.

Desde 1956, assumindo-se agora para os leitores como apenas Fernando Martinez de seu nome abreviado, escreveu e publicou muitas dezenas de artigos evangelísticos, exaltando como ninguém o valor único do sacrifício de Cristo, artigos doutrinários, teológicos, de cultura bíblica, notícias gerais, reportagens sobre os mais diversos trabalhos e eventos das igrejas espalhadas pelo país, poemas... correríamos o risco de exagerar esta Nota Editorial se nos atrevêssemos a elencar, ainda que em síntese minimalista, o trabalho profícuo e reiterado do pastor Fernando Martinez; todavia, nascerá o dia em que um ou mais cultores da história lusa, amantes das letras evangélicas, nas suas múltiplas vertentes e manifestações, farão luzir, em trabalhos académicos de investigação ou divulgação, o imenso acervo que é o conjunto da obra

dele. Não será tarefa fácil pois, sendo tão diversa, está reportada a diferentes décadas da história da igreja pentecostal portuguesa, às suas vicissitudes – quer as relativas ao seu crescimento exponencial, quer as referentes ao reposicionamento das lideranças, algumas absolutamente ignorantes dos valores morais, espirituais, culturais que estão representados na sua obra – à sua adaptação lenta às solicitações externas nos capítulos da ética, dos costumes, quiçá da doutrina, aqui e acolá repensada.

Certamente, estudando os seus escritos, encontrarão esses académicos e outros cultores da *fisionomia* do Movimento pentecostal o fio condutor do pensamento de Fernando Martinez agarrado à cruz de Cristo e ao seu único e insubstituível significado salvífico, a par do aprofundamento sistemático dos pilares que a Reforma erigiu, dignificou, tornando patentes as diferenças entre o cristianismo bíblico e tradição bafienta que, em Portugal, recusou, décadas a fio, dar crédito mínimo ao significado das milhares de transformações ocorridas nas pessoas que se aproximavam e aceitavam a pregação acerca de Cristo e este crucificado. Com verdade atestamos que a obra do pastor Fernando Martinez é vastíssima – e nós nem sequer conhecemos aquela que não teve, até agora, a visibilidade da publicação na revista *Novas de Alegria*, como por certo será o caso dos seus manuais de ensino nas escolas teológicas – na qual se inclui os 318 artigos editoriais que escreveu e publicou enquanto director dessa revista mensal! Só por eles – é obra, reconhecamos! – se atesta a longevidade da sua acção, mostrando uma perseverança incomum, embora sujeita, como é natural, às momentâneas quebras de inspiração e ao risco da repetição, sem claudicar, todavia, no rigor da forma e no interesse da substância.

Não é que queiramos antecipar os resultados dessa investigação nem retirar precocemente protagonismo aos mestres dessa obra

futura, mas adiantamos que mesmo nos momentos em que a repetição se justificava ou em que a inspiração era menor – dizemos nós, olhando o conjunto da obra, pois pode muito bem ser que os textos mais curtos, a menor abundância de argumentos, a exposição mais lânguida não sejam nem mais nem menos do que opções justas e, até, necessárias, em cada momento, por causa dos *muitos olhos* postos no frontispício da revista, de que era o principal responsável... – não ficava obnubilado o saber do mestre, a coragem do evangelista, a responsabilidade do ministro, a cultura do homem que estoicamente viveu desbravando e mostrando todos os tesouros da riqueza inesgotável que é a Bíblia, as Sagradas Escrituras.

Sendo tão vasta a obra, tão prolixos os assuntos tratados, tão longo o período da história retratado, tão sensível, em certos momentos, abordar temas que alguns dogmatizaram – a título exemplificativo, podemos dizer que escrever acerca da TV, do Cinema, da Música, doutras manifestações culturais relevantes, não era o mesmo até meados da década de setenta e a partir daí – admitimos que o pastor Fernando Martinez, lúcida e inteligentemente, não se reconhece hoje nalguns pontos de vista que então magistralmente sustentou, convicto que estava da sua pertinência à época. Não daremos disso nenhum exemplo concreto, mas para todos é patente – e isso consubstancia quase uma regra geral, que ocorre com todos os grandes homens que se expõem, que se alcandoram a patamares de evidência em razão do seu saber, da sua acção, da sua mestria – que evoluímos à medida que nos damos à procura, à investigação, à avaliação dos fundamentos dogmáticos... A inteligência, a liberdade, o conhecimento, a consciência, a honestidade implicam que corrijamos, que mudemos, que vejamos mais além, que dêmos passos atrás quando os demos demais à frente ou andámos apressadamente.

Por isso, é razoável admitir que, em relação a este ou àquele ponto, a esta ou àquela análise, a uma ou outra opinião, o pastor Fernando Martinez foi aperfeiçoando e corrigindo, durante o seu percurso, num esforço exegético constante e rigoroso para encontrar sempre a melhor resposta bíblica. Assim, com facilidade constataremos que os mesmos temas, tratados na juventude ou na fase mais adiantada da vida, mostram esse trabalho de formiga em busca da excelência. Ademais, o que constitui pressuposto deste nosso raciocínio, é absolutamente natural que o estudioso evolua, saiba mais, tenha melhor luz, outra informação e que o decorrer do tempo lhe exhiba a maturidade, também favorecida pelo papel singular da crítica construtiva, expressa no desempenho dos vários ministérios, entre os quais o do ensino, que lhe impuseram o sentido da procura de mais e melhor alimento espiritual para si e para quem dele o esperava com avidez.

Por fim, a própria atitude de querer saber mais, com maior profundidade, que nele é patente nas linhas e entrelinhas dos textos que publicou, tem uma implicação que, quase só por ela, justifica essa visível evolução durante o percurso. Sem dúvida que as ideias sustentadas num momento podem ser clarificadas noutro, mais adiante; os textos que se escreveram podem ser reformulados e, até, sustentados com novos e mais sólidos argumentos; os temas tratados podem ser vistos a seguir sob perspectivas novas, quiçá mais enriquecedoras; os factos narrados no momento da reportagem podem ser corrigidos adiante, durante a revisão dos tópicos que lhe serviram de base ou da leitura doutras narrações sobre o mesmo evento, integrando-lhes pormenores, limando arestas ou saneando os que, assumindo-se excrescências, nada adiantam à compreensão da notícia, tudo sempre na mira da aproximação rigorosa à verdade.

Estamos seguros que o pastor Fernando Martinez, pelo que conhecemos dele, e é muito pouco, se necessário fosse, assumiria que

este ou aquele pensamento, esta ou aquela lição, esta ou aquela conclusão poderiam adquirir maior mérito ou relevo se a melhor luz fossem examinados. Só os sábios aceitam essa humilhação! E para escrever tanto quanto escreveu, sobre os mais variados temas, é necessário ser sábio para poder aceitar confrontar-se com os próprios erros, com as omissões e os exageros, com a obscuridade ou expressões menos conseguidas, com as próprias insuficiências dos destinatários da mensagem... Só os sábios estão dispostos a repetir o que a ignorância não entendeu ou deturpou; só os sábios admitem que a perfeição se alcança assumindo e vencendo o erro; só os sábios se declaram verdadeiramente incapazes de assumir que têm a última palavra...

Anote-se, porém, que uma coisa é assumir que se pode errar, outra é fazer valer persistentemente as convicções! Podemos estar convictamente errados e há gente que vive assim, julgando que o caminho que levam é seguro e estão a caminho do abismo! Não é o caso, obviamente, do pastor Fernando Martinez que, desde sempre, aprofundando os temas das suas intervenções, deixou clara a sua submissão a Cristo e às Escrituras, expressando as convicções da fé de modo sempre exuberante e usando o léxico mais expressivo – o que constitui, seguramente, uma marca distintiva da sua participação escrita na sementeira da Palavra – em cada momento, visando sempre encontrar do outro lado a reacção do leitor. Não se trata duma convicção qualquer a do pastor Fernando Martinez! Não! É a que resulta do encontro que teve com Deus e que se maturou ao longo dos anos de ministério evangelístico e pastoral, sempre com o respaldo da acção do Espírito de Deus, que o manteve no auge da motivação para servir os seus concidadãos.

É dele a oração vertida nas páginas de *Novas de Alegria* sobre a «chama» que se mostrou no Pentecostes: «Concede-ma, pois, Senhor,

para que arda continuamente na minha alma» (cf. *Novas de Alegria*, Junho de 1956); como é dele o incentivo, quando dissertava acerca do Natal: «Aconselho o leitor (...) a entregar sem restrições a sua vida, os seus problemas e os seus anseios nas mãos d’Aquele Jesus que, há dois mil anos, se manifestou na improvisada e rústica manjedoura, em Belém de Judá» (cf. *Novas de Alegria*, Dezembro de 1956, Natal); pertence-lhe ainda o apelo à acção evangelizadora: «O trabalho é ingente, a tarefa é árdua, o caminho espinhoso, mas a responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros é tremenda! O grito aflitivo e desesperado do “varão da macedónia” está soando, distinta e terrivelmente, aos nossos ouvidos! Esse clamor lancinante é de milhar de milhões de almas que vivem atoladas no lodaçal do pecado, envoltas em densas trevas espirituais! Contamos, porém, que estas trevas hão-de ser dissipadas pela luz refulgente e penetrante do Evangelho!» (cf. *Novas de Alegria*, Setembro de 1959).

Ninguém erra no caminho se está submisso à acção do Espírito Santo e quer levantar o nome de Cristo acima de qualquer outro! Nisso não muda o fiel, o homem convicto, o que se constituiu guarida do Espírito de Deus e se assumiu como testemunha fiel de Jesus. Mais de meio século depois, estamos aqui nós, com a *Letras d’Ouro*, garantindo – embora tal não nos fosse exigível, nem a obra, que fala por si, no-lo impusesse – que o legado espiritual do pastor Fernando Martinez é de primeira água, que os valores fundamentais são os mesmos dos primórdios da sua conversão, que a fundamentação da teologia e da doutrina é da mais segura que podemos encontrar, expurgada que está das excrescências próprias do tempo, mas que não se justificam agora.

Alongámo-nos e, praticamente, ainda não dissemos ao que vimos com esta obra do pastor Fernando Martinez! Não o dissemos explicitamente, como o queríamos fazer, mas os leitores, para quem

o autor não é um desconhecido, já intuíram que é do melhor desse seu legado que desejamos destacar extractos suculentos, que cada um absorverá com gosto no processo incessante do seu crescimento espiritual.

Não foi tarefa fácil, mas também para o seu desempenho contámos com a prestimosa colaboração do autor. Na verdade, do seu trabalho queremos apresentar aos leitores, neste primeiro volume da obra, três grandes temas que, ao longo dos tempos e desde o primeiro século da Igreja, têm sido tratados pelos melhores pensadores da teologia e doutrina cristãs: **Deus triuno**, a **Igreja** e as **Escrituras**. Deste modo, colocamos à disposição dos que já conhecem o pensamento do pastor Fernando Martinez, por terem acompanhado o seu percurso ministerial, mas agora numa obra estruturada, agrupando trabalhos dispersos e publicados em diferentes épocas, mas também ao dispor dos mais jovens estudantes das Escrituras que, doutra forma, não acederiam a tais ensinamentos – a menos que sejam investigadores e os procurem nas bibliotecas particulares, que serão poucas, dizemos nós, ou eventualmente nalguma escola teológica, onde a colecção esteja disponível – dispersos pelas páginas da revista *Novas de Alegria*.

Desde cedo se manifestou pela pureza da doutrina, envolvendo sempre os leitores nessa tarefa, desafiando-os à acção: «Avante, pois, caros irmãos! Ergamos bem alto o insigne pendão do Evangelho! Defendamos, denodada e intrepidamente, a integridade da doutrina cristã, ameaçada pelo mundanismo e modernismo!» (cf. *Novas de Alegria*, Novembro de 1957, Morno, Frio, Quente). Sabia nessa altura – sabe-o melhor hoje – quão importante era a agregação dos jovens à Igreja e a sua fidelização ao Senhor pois eles eram «a esperança da Igreja e o futuro do mundo.» (cf. *Novas de Alegria*, Abril de 1958, galeria dos Jovens). Animava, por isso, a sua formação bíblica, teológica, doutri-

nária através de perguntas e respostas, no âmbito dum concurso de âmbito nacional, incluindo os então territórios ultramarinos, que exigiam múltiplas e reiteradas leituras e manuseamento esclarecido das Escrituras. Tinha por estas uma paixão desmedida, querendo conhecê-las cada vez mais e melhor, ficando ciente de toda a revelação divina, o que está patente nos seus escritos até hoje. Ele foi um jovem activo, sedimentou as suas convicções e partilhou sempre o que aprendeu como resposta aos problemas espirituais e sociais de cada tempo, que tão bem identificou. Afeiçãoou-se à dinâmica de crescimento imparável do Movimento pentecostal português e entendeu-a, soube atravessar as pontes que se estabeleceram com o Brasil, a Suécia, a América, a África, valorizar o que de melhor encontrou em cada um dos lados, oferecendo aos jovens e futuros obreiros a esperança de que o amanhã imediato lhes traria a confirmação de que nas Escrituras e no seu profícuo e afincado estudo encontrariam todas as respostas.

Para nós é notório que as tendências pós-modernas nos conduzem aos «pastos fáceis», aos «alimentos feitos na hora», ao Evangelho cor-de-rosa. Não queremos contrariá-las, nem é essa a nossa orientação editorial; todavia, é natural que os leitores da Bíblia, os que a querem explicada, os que ainda valorizam assuntos como o baptismo nas águas e as condições em que devem a ele submeter-se os catecúmenos, a Ceia do Senhor e as regras para nela participarem os salvos, a Igreja e a sua caracterização como noiva de Cristo, o Espírito Santo e a sua acção na contemporaneidade, os últimos dias e a revelação escatológica, e outros, seguramente tão ou mais importantes, tenham à sua disposição o que escreveram, ensinaram, pregaram homens como o pastor Fernando Martinez, que aplicou tantos anos da sua vida ao serviço do Senhor e ao estudo sempre metuculoso das Escrituras.

A resposta a tais tendências também passa pela ampla divulgação de obras que dêem aos leitores pretexto para mais afincadamente

lerem a Palavra de Deus, entendendo-a na perspectiva que interessa e que está clarinha como água cristalina acabada de sair da nascente: as gerações sucedem-se mas a Palavra revelada permanece para sempre!

Saibam todos, os que ensinam e os que aprendem, que, sem convicção, não se pode dar o testemunho do autor: *Eu creio*. Nem sequer adoptar o modelo de acção, apresentado em acróstico, que fez seu, há cerca de cinquenta anos, declarando *Eu quero, Senhor!*

Revemo-nos nesse paradigma que, a encerrar esta NOTA EDITORIAL, deixamos à reflexão dos leitores de *EU CREIO*:

**E**vangelizar os que vivem nas densas trevas da superstição, do erro, da idolatria...

**U**sar as minhas forças, a minha inteligência e capacidade, no Teu santo serviço.

**Q**uero Tu, suportar com alegria, e não apenas estoicamente, o escárnio e vilipêndio dos inimigos da Cruz.

**U**nção, poder, dinamismo do céu, a fim de, com mais eficiência, poder anunciar «todo o conselho de Deus».

**E**videnciar, a um mundo céptico e indiferente, a fé que professo, pelas obras que pratico.

**R**ender-me, completa e incondicionalmente, a Ti, eterno, poderoso, benigno Senhor.

**O**lvidar os meus interesses pessoais, para me preocupar, especialmente, com os do meu semelhante (Lográ-lo-ei, num mundo saturado de egoísmo?)

**S**empre, e em qualquer lugar, ser compreensivo, tolerante, respeitador, piedoso, caritativo, santo, justo e bom.

**E**spalhar prodigamente, desinteressadamente, o bem.

**N**egar-me a mim mesmo, tomar diariamente a minha cruz, e seguir-te, divino Mestre, Salvador e Senhor.

**H**onrar e glorificar (por pensamentos, palavras e actos) o Teu excelso e sagrado nome.

**O**diam o pecado, mas amam o pecador...

**R**ogar, incessantemente, pelos milhões de perdidos...

**José Manuel Martins**

## DUAS PALAVRAS

O presente volume contém dezenas de textos escritos durante anos com o alvo de se salientar a necessidade de divulgar a *sã doutrina* (2 Tm 4:3; Tt 2:1) e apresentar a *boa nova*, o Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (Mc 16:15-16; 1 Co 1:17-18; 15:1-4).

Para mim é um dever e também um prazer proclamar a verdade divina, a Palavra do Senhor (Sl 119:97; 1 Co 9:16), seja oralmente ou por escrito. Sinto a obrigação sagrada de transmitir o ensino bíblico, cristão, ajudando ouvintes ou leitores crentes a firmarem-se cada vez mais na Lei do Senhor.

O título do livro *Eu Creio* expressa de modo sintético a minha convicção profunda na existência de Deus, do Salvador Jesus, do Espírito Santo que convence, que santifica, conforta, ilumina, fortalece, vivifica e reveste de poder espiritual para servir o Senhor. Eu acredito nessas maravilhosas verdades bíblicas, bem como na Palavra de Deus escrita e na sua Igreja, cuja cabeça e fundamento é Cristo Jesus.

Após estas breves e singelas palavras de apresentação, aproveito o ensejo para dedicar o presente livro em primeiro lugar ao Deus trino, a quem amo e sirvo, pois o Criador do Universo transformou radicalmente a minha vida, tornando-me seu filho pela fé em Cristo, e deu-me a certeza da vida eterna como é promessa bíblica.

Dedico esta obra outrossim à minha mulher Cristeta Martinez que bastante me tem auxiliado nas três últimas décadas do meu ministério.

Não esqueço ainda os meus irmãos na fé e companheiros no Evangelho (sobretudo das Assembleias de Deus em Portugal), com os quais tenho aprendido as Sagradas Letras desde a minha juventude, e sido encorajado a permanecer fiel ao Deus vivo e verdadeiro até ao fim da minha vida terrena.

Toda a glória, honra e louvor sejam tributados a Deus!

**Fernando Martinez**

## CAPÍTULO PRIMEIRO



# *DEUS*



# 1 O DEUS EM QUEM CREMOS

Tem razão o Dr. Billy Graham ao escrever num dos seus livros: «Um facto digno de nota para todos os que buscam Deus é que a crença em algum deus é praticamente universal. Qualquer que seja o período da História que estudarmos, qualquer que seja a cultura que examinarmos, se analisarmos o passado histórico da humanidade, veremos que todos os povos, primitivos ou modernos, reconhecem a existência de algum tipo de deidade. Nos últimos dois séculos, as escavações arqueológicas têm revelado as ruínas de muitas civilizações antigas, mas nenhuma delas encontrou ainda uma cultura que não desse alguma evidência de adoração a um deus. O homem adorou o Sol, e fez para si imagens. O homem adora um código de leis, adora animais, e até outros homens. Alguns parecem adorar-se a si mesmos. O homem faz deuses criados pela sua imaginação, embora ele creia que Deus exista – uma crença meio confusa e indistinta». <sup>(1)</sup>

Os ateus que não acreditam na existência de Deus – supremo Arquitecto, Criador e Mantenedor do Universo –, advogam a eternidade da matéria. Semelhante teoria exige mais fé do que crer que o Espírito eterno e infinito fez do nada todas as coisas. Alguém observou ter o crente um problema a resolver, que é a existência do mal no Universo; porém o ateu tem esse e os restantes. Por outro lado, os agnósticos não negam nem afirmam a existência do Criador, pois argumentam ser impossível que a mente finita atinja o Infinito.

Ainda hoje milhões de pessoas admitem a pluralidade de deuses que imperam no mundo. Denominam-se politeístas, os quais convertem as forças e fenómenos da Natureza em deuses. Entretanto há quem assevere que «Deus é tudo e tudo é Deus». São os panteístas, os quais identificam a Divindade com o Universo, confundem o Criador com a Natureza. Eles opõem-se à crença de um Deus pessoal distinto da Criação. Outros (os deístas) crêem num Ser supremo – origem de tudo quanto existe – mas tão superior ao homem que este não se comunica com Aquele. Declaram haver Deus criado o Mundo, abandonando-o depois a fim de ser governado mediante as leis naturais. Essa é a imagem dum Criador indiferente para com o género humano, alheio às suas necessidades. Rejeitam a revelação de Deus e, conseqüentemente, o Deus da revelação. François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudónimo Voltaire, escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês do século dezoito, foi um deles.

Como cristãos, acreditamos no Deus infinito, absoluto, perfeito, onnipresente, que tudo pode e conhece. Cremos no Deus verdadeiro, justo, santo, bondoso e sábio. Adoramos e amamos esse maravilhoso Legislador, Criador e Sustentador dos mundos. Nós servimos com reverência e júbilo ao Deus transcendente e imanente, isto é, distinto do Mundo e do Homem <sup>(2)</sup>, contudo perto destes. <sup>(3)</sup> Com efeito, o Senhor está separado do Mundo mas também presente no Mundo. Ao contrário do ensino cristão, os deístas e os panteístas são unilaterais nos seus conceitos e enfatizam, respectivamente, a transcendência e a imanência de Deus.

Na Bíblia Sagrada consta esta solene mensagem divina dirigida aos pecadores: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo

por ele. Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus. E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más». <sup>(4)</sup>

Deve a humanidade em geral ter o bom senso de corresponder a esse amor supremo, e cada indivíduo em particular crer no Senhor Jesus Cristo, o incriado Filho de Deus, apropriando-se pela fé da vida eterna doada pelo Criador, convertendo-se a Ele – que é luz, santidade e amor – e trilhando a senda luminosa da verdade.

